



“A fadiga da austeridade deve sobrepor-se ao receio de uma via mais radical”, considera Marcos Farias Ferreira, professor de Relações Internacionais no ISCSP.

Os gregos “já demonstraram que não têm medo do desconhecido”, garante, em início de conversa, o grego Theofanis Exadaktylos, professor de Políticas Europeias na Universidade de Surrey, no Reino Unido. Já Paschos Mandravelis, politólogo e colunista do jornal helénico Ekathimerini, diz que “muitos gregos têm medo de prejudicar a relação com a União Europeia”. A pressão sobre o eleitorado grego, tendo como ponto de mira as eleições parlamentares antecipadas para 25 de Janeiro, já se faz sentir, restando ainda perceber como vão os gregos reagir na hora de preencher o boletim de voto. Será uma decisão entre dois estados de espírito: o medo do desconhecido que pode representar a eleição do partido anti-austeridade Syriza ou o cansaço face à austeridade imposta pelos dois memorandos assinados com a troika.

Confrontados com esta dicotomia, os eleitores gregos estão a pouco mais de uma semana de decidir o vencedor das eleições legislativas, após mais uma crise política constitucionalmente espoletada pela incapacidade para eleger Stavros Dimas, o candidato presidencial apoiado pela actual maioria governativa, o que deixou, uma vez mais, a Grécia à mercê da vontade dos mercados. Os juros da dívida helénica reflectiram imediatamente, a 9 de Dezembro, os receios dos mercados, com as taxas no prazo a 10 anos a dispararem para próximo dos 10% e a praça grega a afundar mais de 10%.

Agora, a escolha far-se-á entre o Syriza, que lidera as sondagens, e o Nova Democracia (ND), actualmente o maior partido do governo. Mas a dúvida reside em perceber como vai o eleitorado helénico reagir às pressões que tentam condicionar o voto, aludindo a uma eventual impossibilidade de permanência da Grécia na moeda única europeia. Ainda a mais recente crise política helénica ia no início e já Jean-Claude Juncker, pre-

sidente da Comissão Europeia (CE), afirmava não querer que “forças extremistas” conquistassem o poder na Grécia, numa clara propaganda anti-Syriza. Depois, já em Janeiro, foi a revista alemã Der Spiegel, citando fontes próximas do executivo alemão, a garantir que Berlim “considera que a saída [da Grécia] da zona euro é quase inevitável se o líder da oposição, Alexis Tsipras, liderar o Governo após a eleição”. “Querem dizer aos gregos como devem votar”, considera Tiago Moreira de Sá, professor de Relações Internacionais (RI) na Universidade Nova de Lisboa. E os gregos, o que têm a dizer?

Apesar do carácter especulativo deste exercício, as opiniões dos analistas consultados pelo Negócios parecem indicar que as eleições gregas poderão consubstanciar uma espécie de condenação da austeridade. Paulo Sande, professor de Ciência Política na Universidade Católica e antigo director do Gabinete da CE em Portugal, antecipa “que os gregos vão votar claramente contra a austeridade”. Ligeiramente diferente é a previsão de Paschos Mandravelis, que também vê os eleitores helénicos a “votar a favor do Syriza, mas contra o sistema” porque acreditam que o partido de Tsipras “vai lutar contra a corrupção”, um problema endémico no país.

Se, em 2012, o aviso deixado pelo ainda ministro das Finanças alemão, Wolfgang Schäuble, de que cabia aos gregos “decidir se ficam ou não na Zona Euro” poderá ter ajudado à vitória do ND – apesar de o Syriza ter liderado as sondagens até próximo do acto eleitoral –, desta feita os resultados deverão ser diferentes. “A fadiga da austeridade deve sobrepor-se ao receio de uma via mais radical, mesmo junto daquela parte do eleitorado que, em 2012, optou pela via mais ortodoxa representada pelo ND”, prevê Marcos Farias Ferreira, professor de RI no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP).

E nem a informação avançada pela Der Spiegel referindo que Berlim já estará a preparar a saída da Grécia do euro poderá alterar a decisão dos gregos. É essa a opinião de Tiago Moreira de Sá, para quem “os comentários de alguns líderes europeus são completamente contraproducentes”. O professor da Nova insiste que “é um erro crasso achar que se pode repetir o efeito de 2012”, até pela “fadiga da austeridade”. Uma “austeridade fortíssima”, utilizando a expressão de Paulo Sande, cuja aplicação na Grécia se arrasta desde 2010 e assume contornos de um “normalizar da austeridade”, podendo os gregos ver numa “vitória do Syriza um instrumento contra essa mesma normalização”, perspectiva Marcos Farias Ferreira. “O Syriza é a porta de entrada para a minoração da austeridade”, remata Paulo Sande.

O “GREXIT” QUE NINGUÉM QUER

O argumento relativo a uma eventual saída da moeda única é, possivelmente, o mais importante instrumento da campanha eleitoral em curso na Grécia. Sabe-se de que, segundo as últimas sondagens, 74% dos gregos querem continuar no euro, o último a utilizá-lo foi o responsável pelas Finanças helénicas, Gikas Hardouvelis, assegurando que a saída da Grécia do euro, o chamado “Grexit”, “não é necessariamente bluff”. Marcos Ferreira releva a eficácia política e eleitoral deste argumento, dado que “os eleitorados associam a saída do euro à degradação das condições de vida”. Exadaktylos contraria esta ideia e defende que “os gregos nem sequer temem um “Grexit” porque o Tsipras já se manifestou, publicamente, contra essa possibilidade”. Este especialista em Assuntos Europeus vai mais longe quando, levando em linha de conta a metamorfose do Syriza, afirma que, “nas suas mentes, os gregos sabem que não há muitas coisas que irão mudar” depois de 25 de Janeiro. Este académico grego recorda que, também em 2012, o partido do primeiro-ministro Antonis Samaras se apresentou a eleições com um programa anti-austeridade, acabando depois por fazer o contrário.

Esta maior moderação de Tsipras e do Syriza decorre simplesmente de “um compromisso para chegar a um eleitorado que ainda acredita no euro”, aponta Marcos Ferreira, do ISCSP. Posição patente na entrevista, ao Negócios, a John Milios, economista-chefe do Syriza, na qual sustenta que “a Grécia não deve sair do euro em caso algum”. Marcos Ferreira crê que o Syriza “já não é tão radical porque quer corresponder às expectativas de um eleitorado que vota pela segurança a que o euro corresponde”. Na mesma linha, o colunista grego Mandravelis não imagina que “o Syriza pudesse denunciar os acordos com a UE”, classificando-o, por esse motivo, como um partido cada vez “mais próximo do centro-esquerda” – “o acesso ao poder tende a moderar os extremos”, resume Paulo Sande. Pelo seu lado, Moreira de Sá nem vê que uma saída da Grécia da Zona Euro